



## CAPOEIRA NA RODA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM JOGO COMPLEXO

Joacelmo Barbosa Borges (PPGE/UFMT) – professorbiro@hotmail.com@gmail.com

Beleni Salete Grando (PPGE/UFMT) – beleni.grando@gmail.com

GT 15 - Relações Raciais e Educação

### Resumo:

O relato de experiência aqui apresentado discute no bojo das relações raciais permeada na capoeira vivenciada por mim no estado de Mato Grosso onde resido e desenvolvo os trabalhos com a mesma. A proposição deste parte das vivências nas disciplinas cursadas no programa de mestrado em educação que provoca a discussão com o meu objeto de estudos que é a capoeira. Primeiramente faço um percurso da capoeira apresentando os vestígios da sua origem/criação, apresento em seguida os avanços com os tombamentos enquanto patrimônio imaterial e por fim fazendo o enfrentamento das atividades da capoeira e o protagonismo dos praticantes em todas as vertentes sendo elas positivas ou negativas dentro do contexto das relações raciais. Considero um palco vasto e um verdadeiro campo minado em que se precisa avançar nessa política e enquanto praticante e dirigente da capoeira temos estudado proposições no intuito de fazer o debate a fim de instrumentalizar os capoeiristas à superar toda afronta causada aos capoeiristas em função de todo um histórico de hierarquização das raças onde coloca o povo negro como inferior.

**Palavras-chave:** Relato de experiência. Capoeira. Relações Raciais.

### 1 Introdução

A provocação deste relato dá-se a partir dos referenciais estudados nas disciplinas cursadas no programa de pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso e demais outros referenciais vivenciado à partir das observações das atividades ofertadas dentro do programa que favoreceram a aprendizagem durante esse processo, além das observações durante os momentos de orientação.

Discutir as relações étnico-raciais em qualquer que seja o ambiente é um debate que causa acaloradas emoções. Independente de qual prisma se averigua, será sempre um discurso fervoroso em função de diversas nuances que pauta o tema.

Vale ressaltar que no Brasil, desde sempre, tivemos sérios problemas sociais que causaram desigualdades gigantesca que perduram até os dias de hoje e, de forma arbitrária, ainda tem causado danos irreparáveis ao povo brasileiro, provocados por essas relações.

Destarte, a ideia que abordaremos aqui é o papel desempenhado pela capoeira na perspectiva de reversão do naturalizado, do determinismo, como forma de resistência no jogo das relações étnico-raciais.

## **2 Capoeira...primeiros passos**

A capoeira é uma rica manifestação da cultura do nosso país banhada de elementos da cultura afro-brasileira. Em relação ao surgimento da capoeira por tempos foi campo de discussão no que tange ao seu local de aparecimento bem como a data de nascimento. O imbróglio deu-se na concepção de ser brasileira ou africana e essas duas correntes com seus defensores se digladiando por longos anos defendendo seus posicionamentos e pensamentos acerca do surgimento da capoeira. Mas o que mais tem ganhado adeptos e aceitação é de que ela é brasileira.

No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. (Rego, 1968, p. 31)

O termo capoeira também foi motivo de debates, inclusive no que tange a etimologia. Para Rego (1968), O vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau, seguido por Moraes em 1813, na segunda e última edição que deu em vida de sua obra. Após isso, entrou no terreno da polêmica e da investigação etimológica.

Muitos outros também se debruçaram na tentativa de esmiuçar e elucidar sobre o termo.

[...] Diz o Sr. Dr. Macedo Soares que — “Capuêra, Capoêra é pura e simplesmente o guarani caá-puêra, mato que foi, atualmente mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou.” (Rego, 1968, p. 17 e 18)

O entendimento acerca do nascedouro da capoeira está pacificado. Não causa estranheza à concordância da capoeira sendo brasileira, aqui reside a origem e depois a sua sistematização.

## **3 Capoeira...novos caminhos**

No século XXI a capoeira alçou voos gigantescos sendo produto de exportação e hoje está presente em mais de duzentos países e é uma das maiores fontes divulgadora da língua portuguesa no mundo através das músicas cantadas nas rodas.

Outro fator muito importante de destaque da capoeira é que ela passa a se fortalecer institucionalmente com o advento do seu registro, em 2008, como bem da cultura imaterial do Brasil, por indicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do

Ministério da Cultura (IPHAN/MinC) e posteriormente, em 2014, a Roda de Capoeira também foi contemplada com o título de Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Por mais que a arte-luta tenha alcançado um destaque em diversos espaços, é necessário que discutamos a relação com seus protagonistas. Chegamos ao século XXI ainda tendo que fazer o enfrentamento das mazelas das práticas racistas patrocinadas pelos discursos de ódio e ações de superioridade da raça branca sobre a indígena e a negra, elemento que foi fomentado desde sempre no Brasil com o intuito de menosprezar e classificar como inferior o povo que não fosse de pele branca.

#### **4 Capoeira na roda**

A roda de capoeira é o espaço onde os praticantes desenvolvem suas habilidades ora treinadas e através do jogo, da luta, da dança ritmada ao som dos instrumentos, palmas e cantos demonstram suas habilidades. Tomando como pressuposto, é nessa roda que colocaremos a capoeira nesse complexo jogo.

A capoeira é um movimento de resistência que pode interpelar, rechaçar, fazer o enfrentamento contra toda forma de opressão pautadas pelas relações étnico-racial? Seria a capoeira fonte de perpetuação da discriminação, do preconceito, do racismo? Como nos posicionamos frente ao embate? Há um jeito de ser nesse contexto? O que a capoeira tem feito no enfrentamento da pauta racista?

Para Ribeiro (2019), o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante.

Ao observar os acontecimentos enquanto praticante da arte capoeira, temos averiguado que ainda há reproduções sociais no intuito de menosprezar e classificar como inferior o negro através do canto que é um elemento que compõe a capoeira.

A cantiga de domínio público retrata esse momento de supremacia, em especial do branco sobre o negro.

Olha lá o negro

**Olha o negro sinhá**

Mas que nego danado

Oi me pega esse nego

E derruba no chão  
Esse nego é valente  
Esse nego é um cão  
Mas castiga esse nego  
Esse nego é safado  
Esse nego é cão

A tentativa de desqualificação do ser pela cor da sua pele preta é perceptível em cada momento da cantiga.

Outra forte condição de manutenção da violência, inclusive, são os apelidos que sempre fazem associação quando o praticante é negro. A exemplo temos os apelidos dados somente às pessoas de pele preta: **tição, fumaça, saci, tiziu, anu preto, carvão, pássaro preto, café, mussum, urubu, mancha, petróleo, meia noite, escurinho**, dentre outros que reforçam a questão do ser negro. Os apelidos citados estão intimamente ligados a cor preta e novamente percebemos a condição de desqualificação pela cor da pele.

Percebe-se então que ainda existe a manutenção da discriminação pelos capoeiristas quando cantam ou se apelidam de forma que caracteriza o negro como inferior.

Será que tudo está perdido? Quais os olhares que deveremos ter para a mudança?

Com o advento da alteração do artigo 26 A da Lei 9.394/96 da LDB – lei de diretrizes e base da educação, pela Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, houve uma movimentação no universo da capoeira na perspectiva de inserir, no seio da escola, a prática para que pudesse contemplar a lei através da capoeira.

O grande impasse que aconteceu, em especial no Mato Grosso, por aqui residir e ter experiência de quase trinta anos de prática e conhecer os profissionais, os capoeiristas desejavam atender a lei no espaço da escola, porém, nós temos um gigantesco quantitativo de profissionais que não são graduados nas licenciaturas que habilitam para sala de aula, bem como não possuem vínculo trabalhista com as escolas. Até tiveram boa intenção, mas não estaria habilitados porque estariam contrariando a LDB, no que tange a quem se designa como professor. Ressalto que foi a falta de conhecimento dos mesmo que levaram a empolgar-se na esperança de assumirem salas de aulas para que pudessem ministrar aulas de capoeira.

Salvo alguns profissionais da capoeira que são também professores de educação física conseguiram articular muitas atividades na perspectiva de valorização da nossa cultura como preconizava a lei 10.639/03.

O que se percebeu com o advento da lei é que os profissionais que desempenharam atividades na escolas, valendo-se dela, sentiram-se libertos para exercer uma prática nesse contexto sem o medo da opressão no trato das relações étnico-raciais.

## **5 Considerações finais**

Há muito que avançar ainda nessa temática e os fóruns de representação dos praticantes, a exemplo da Federação Mato-grossense de Capoeira e o Fórum de Capoeira de Mato Grosso, dos quais sou membro dirigente, já vem estudando a possibilidade de realização de encontros para instrumentalizar os capoeiristas na concepção da autonomia para os embates nesse jogo das relações.

A prática precisa de constante leituras, aprendizagens, compartilhamento, empoderamento para superar os obstáculos.

## **Referências**

**LEME**, Adinéia da Silva. Capoeira da senzala à imaterialidade. As vivências dos mestres e a história da capoeira em Mato Grosso. **1ª ed. Curitiba (PR): CRV, 2019.**

**BRASIL**, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO/DF. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.

**CARONE**, Iray, **BENTO**, Maria Aparecida Silva (Organizadoras). **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

**GRANDO**, Beleni Saléte. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri. 2004 (357p.).** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

**REGO**, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico.** Salvador: Editora Itapuã, 1968

**RIBEIRO**, Djamila. **O pequeno manual antirracista.** Companhia das letras. São Paulo, 2019.